

“Não era terra de gente uma terra onde não se comia farinha, não se dormia em rêde e não se falava brasileiro”: retirantes do Rio Grande do Norte na Hospedaria da Imigração (SP) e Ilha das Flores (RJ) na seca de 1904

Francisco Ramon

Resumo

Esse artigo analisa a migração de retirantes do Rio Grande do Norte para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, no ano da grande seca de 1904, mas, especificamente, sua experiência coletiva nas hospedarias de imigração e lugares de espera. Entendemos o fenômeno da migração como um processo de deslocamento em que os fatores tempo e espaço são contíguos, variando de acordo com as ações, escolhas e condicionamentos que o emigrado está vivenciando. Portanto, lugares de passagem, fixação e espera são elementos importantes para analisar a experiência e narrativa da própria migração dos sujeitos históricos. Utilizamos, como fontes, as listas de matrícula dos imigrantes, a imprensa e fontes administrativas e oficiais.

Palavras-Chave: Retirantes. Hospedarias. Territórios da Espera.

“It was not a land of people this land where people did not eat flour and did not sleep in hammocks and did not speak Brazilian Portuguese”: migrants from Rio Grande do Norte at the Hospedaria da Imigração (SP) and Ilha das Flores (RJ) in the drought of 1904

Abstract

This article analyzes the migration of migrants from Rio Grande do Norte to the states of São Paulo and Rio de Janeiro, in the year of the great drought of 1904, but, specifically, their collective experience in immigration inns and waiting places. We understand the phenomenon of migration as a displacement process in which time and space factors are contiguous, varying according to the actions, choices and the conditioning that the emigrant is experiencing. Therefore, places of transit, settlement and waiting are important elements to analyze the experience and narrative of the migration itself of the historical individuals. As sources, we used the registration lists of immigrants, the press and administrative and official sources.

Keywords: Migrants. Immigration Inns. Waiting Territories.

Texto integral

Apresentação¹

Quando se discute a temática da migração retirante nas grandes secas da região Norte, na passagem do XIX, o viés de interpretação fatalista acaba adquirindo um papel importante nas narrativas históricas (GUILLEN, 2002). A própria seca torna-se o sujeito principal que, responsável pela crise na lavoura de subsistência, faz com que os agricultores pobres deixem seus lares à procura de auxílios em outras terras, ofuscando os problemas sociais do mundo rural na formação do Brasil. Essa literatura retirou dos sertanejos (grupos humanos que habitam o interior dos territórios provinciais) sua condição de sujeitos, ou seja, de atores sociais com ações, escolhas e projetos próprios dentro do emaranhado de relações humanas existentes no contexto de crise hídrica e estrutura agrária.

Outro aspecto “ofuscado” na literatura sobre a migração sertaneja é a presença de retirantes das províncias do Rio Grande do Norte, por exemplo. Poucos trabalhos

¹ Esse artigo é resultado de parte da minha tese de doutorado apresentada em 2020 ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará.

abordam a experiência do deslocamento das famílias sertanejas potiguares, levando a crer que apenas as cearenses foram as principais afetadas a vivenciarem as grandes secas do oitocentos². Ainda que a província/estado do Ceará fosse a mais atingida pelo drama da estiagem – fome, doenças, morte, migração – durante décadas no século XIX e XX, não podemos deixar de compreender outras realidades e contextos com suas experiências e singularidades, além das relações de similitude com todas as áreas do semiárido, principalmente quando nossa perspectiva é uma história social dos debaixo. De tal modo, a questão do deslocamento durante a seca torna-se uma confluência de experiências de várias famílias sertanejas da região Norte nesse *fin-de-siècle*.

Essas observações prévias – ações do sujeito, alteridade espacial e confluência de experiências – são aspectos importantes para o desenvolvimento metodológico sobre o processo de migração retirante. Não obstante, temos uma categoria importante para problematizar sobre o processo de migração concebido pelas forças governamentais aos homens em condição de mobilidade: os *territórios da espera*. Esses seriam dispositivos territoriais e administrativos, espaços liminares criados e desenvolvidos pelas classes dominantes para o acolhimento, controle, triagem e distribuição de grupos em situação de deslocamento como, por exemplo, os imigrantes europeus. Outrossim, será importante essa noção para analisarmos a condição de acomodação e alojamento das famílias retirantes a partir da política das Hospedarias de Imigração no Brasil³.

Entretanto, a migração como forma de agenciamento dos sertanejos pobres em tempos de calamidade revelará novas experiências de êxodo provisório nas secas do final do oitocentos. Destarte, as Hospedarias de Imigração foram parte dos novos cenários das lutas imediatas e lugares de passagens (e espera) que os retirantes do Rio Grande do Norte encontraram naquele momento. Nesse diálogo, o artigo foi igualmente pensado pelo olhar de uma história social da espera, isto é, “de uma história atenta ao que acontece nos momentos e lugares em que os homens em deslocamento esperam:

² Uma literatura que discute um pouco sobre as grandes secas e migração no Rio Grande do Norte e Pernambuco encontra-se em BRITO, 2015; GREENFIELD, 1989; MACIEL, 2013.

³ Sobre essa temática consultar, VIDAL, 2012.

por motivos técnicos, administrativos, políticos ou mesmo climáticos” (CHRYSOSTOMO; VIDAL, 2014, p. 02.). Portanto, pensar intrinsecamente a migração de famílias sertanejas do Norte, as experiências em trânsito e os espaços criados provisoriamente na tentativa de organizar a multidão indigente para o trabalho e racionalização dos socorros é iluminar a compreensão sobre as ações, estratégias e escolhas dos retirantes aliadas às políticas públicas de migração nas grandes secas.

Paulo Cesar Gonçalves escreveu que uma grande movimentação de sertanejos do Ceará ocorreu para a região de São Paulo nos anos das secas de 1877, 1889 e 1900. Desde o desenvolvimento da cafeicultura essa região atraiu vários tipos de pessoas, como fazendeiros de Minas Gerais e Rio de Janeiro e homens livres pobres de todo o país, além de escravizados transferidos compulsoriamente e libertos; todos, independentemente do lugar de origem, estão inclusos na matemática que quantificou essa migração, sendo que parte significativa dos que chegaram nos períodos de grande estiagem era composta também por sertanejos, “especialmente do Ceará” (GONÇALVES, 2006, p. 123-124). A grande aglomeração de retirantes nas cidades litorâneas, além das verbas acionadas para os socorros como alimentação, assistência médica e trabalhos nas obras públicas, foi fundamental às despesas para o abrigo, alimentação e transporte dos migrantes da região Norte para outros lugares pelo Governo central. Assim, o intercurso dos governos central e provincial/estadual na organização e financiamento dos movimentos migratórios dos sertanejos entrou como um conjunto de estratégias para o controle da multidão e sua conversão em mão de obra para outras regiões do país. Essas ações institucionais nos períodos de seca contaram com dispositivos de recepção dos trabalhadores estrangeiros – as chamadas hospedarias de imigração – além dos elementos modernos, como as ferrovias e frotas de vapores, que serviram para incorporar as famílias retirantes na lavoura do Rio de Janeiro e São Paulo⁴.

⁴ “Nos anos de 1878 e 1879, a precariedade marcou essa organização – especialmente em relações às condições de alojamento. Nos períodos posteriores (1888-1889 e 1900-1901), o governo paulista utilizou-se

A historiadora Viviane Lima Morais estudou a migração de mão de obra de retirantes da província do Ceará para a região Sul do império, o que se deu praticamente para a cafeicultura paulista nas grandes secas do final do século XIX. Nos anos de 1877-1879, a Inspetoria Geral de Terras e Colonização iniciou modificações na Hospedaria de Imigrantes para acomodar o fluxo contínuo de pessoas. Desse modo, a rota Sul de migração interna estava vinculada a projetos nacionais de seleção de trabalhadores que viriam a substituir a mão de obra escravizada das lavouras de café na década de 1870. Igualmente, a província de São Paulo surgiu como uma das principais receptoras dos emigrantes nacionais. Os retirantes cearenses chegavam muitas vezes pelos portos de Santos e do Rio de Janeiro, mas também ocorria deslocamento por rotas internas que eram estimuladas pelos chamados “agenciadores”. Esses sujeitos eram agentes contratados pelos latifundiários para arregimentar trabalhadores na Hospedaria de Imigração, portos da província e em outros lugares. Para a autora, essa prática foi fundamental para o sucesso da migração na cafeicultura paulista. Viviane Morais também analisou uma segunda leva de emigração cearense no governo do presidente Caio Prado, durante a seca de 1888-1889, no qual foram criadas políticas de migração na província do Ceará e uma Hospedaria de Imigração na cidade de Fortaleza (MORAIS, 2003).

A historiadora Maria Verónica Secreto argumentou que no final do século XIX, para aliviar o horror que causava à classe dominante a presença dos retirantes, foi organizado um sistema de migração com passagens custeadas pelo Império. Os destinos ofertados para os sertanejos eram São Paulo, Pará, Maranhão e Amazonas, sendo os três últimos os mais procurados pelos retirantes. Também argumenta que não se tratou de uma “migração espontânea”, já que as passagens dos sertanejos foram pagas pelos Ministérios de Agricultura e do Império. Os que embarcaram para São Paulo, uma vez chegados ao porto de Santos, foram internalizados nas fazendas cafeeiras através de mecanismos montados para receber os trabalhadores imigrantes: “Hotel de Imigrantes,

da estrutura destinada a receber e recrutar o grande número de imigrantes europeus para, conjuntamente, alojar e encaminhar à lavoura cafeeira os braços egressos do norte do país” (GONÇALVES, 2006, p. 177).

passagens da Estrada de Ferro, contratos antecipados” (SECRETO, 2003, p. 49). Para a historiadora, o medo da multidão de famintos foi o que levou a classe dominante do Ceará a abrir as comportas do fluxo migratório nas secas de 1877 e 1889. Assim, a migração de nordestinos é um “fenômeno social recorrente na história do Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Não seria errado pensar no Ceará como provedora de trabalhadores” (SECRETO, 2003, p. 52).

Todavia, ainda existe a interpretação sobre a migração feita apenas pelos fatores socioeconômicos e climáticos na segunda metade do oitocentos. Itamar de Souza e João Medeiros Filho argumentam que a seca, aliada à estrutura agrária, “tem feito do agricultor pobre nordestino um agente de constante diáspora” (MEDEIROS, FILHO, 1983, p. 09). Mas essa migração para outras regiões acaba assumindo um papel “forçado” sobre os sujeitos, pois a “emigração forçada, verdadeiro êxodo, se realiza em diversas etapas e, conforme a conjuntura local e nacional, ela toma rumos bem diferentes” (ibid., p. 56).

Já Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux discorrem que os índices de migração para outros estados e províncias registrados nos períodos de 1872-1890 e 1950-1960 não podem unicamente ser justificados pelas diferenças regionais de renda. Até aqui, é válido o raciocínio. Entretanto, ponderam que, nesses casos, “um fator externo – ou seja, as rigorosas secas – agiu como um poderoso fator de pressão nessa região durante esses dois períodos”. Para os autores, o padrão de migração interna de 1872 a 1900 “está intimamente ligado ao desenvolvimento social, político e econômico do século dezenove no Brasil e deve ser discutido com relação aos problemas de escravidão, imigração, desenvolvimento da cultura do café no Sul e exploração da borracha no Norte” (ALENCASTRO, RENAUX, 1997, p. 18). Igualmente, nesse contexto o Norte conheceu um “fluxo significativo de migração negativa de 1872 a 1890 devido aos desastrosos efeitos das rigorosas secas de 1877 a 1880. Evidentemente, a qualidade seletiva dos migrantes sob essas circunstâncias caiu consideravelmente” (ibid., p. 23).

Todavia, o que é comum a esses autores é enxergar o fenômeno das secas apenas como um fator climático, externo a toda ordem social e relações de poder estruturantes do mundo agrário da região Norte – além de não introduzir a ação, escolha e vontade humanas nos padrões da microanálise sobre a migração – no qual o viés de desenvolvimento social, político e econômico ainda se encontra no altar de leitura acerca do fenômeno da mobilidade populacional dos sertanejos na passagem do oitocentos. Na contracorrente, pretendemos, a partir de um jogo de escala, enxergar as ações, escolhas e experiências das famílias retirantes do Rio Grande do Norte no processo de migração para São Paulo e Rio de Janeiro, ocorrido na grande seca de 1904, numa interface com as políticas de controle social e deslocamento, organizadas pelo poder governamental. Para analisar essa relação, as hospedarias de imigração foram espaços liminares que ofereceram a possibilidade de costurar e seguir as linhas das trajetórias dos retirantes para o alhures.

“Vocês se preparem pra ir tudo pro buraco!”: A experiência da migração de retirantes do Rio Grande do Norte (1904)

José Tertuliano ou Tertuliano Francisco d`Anjos, de 27 ou 28 anos, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro junto com sua esposa Joanna, 24 anos, e uma filha chamada Maria, de um ano ou cinco meses de idade, na Hospedaria da Ilha das Flores. Sua permanência no lugar foi rápida: chegado do vapor *Maranhão*, vindo da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, entrou no dia 4 de março na hospedaria; porém, no dia seguinte foram transportados ao porto de Santos e, de lá, para a Hospedaria de Imigração de São Paulo (HOSPEDARIA ILHA DAS FLORES, 1904, SP). A discrepância de informações sobre o retirante Tertuliano no registro de matrícula das hospedarias pode sugerir várias interpretações. Uma delas seria uma desconfiança do próprio Tertuliano em ceder informações exatas sobre sua família aos escriturários das instituições de imigração, ou mesmo um erro em registrar os dados pessoais de dezenas de sertanejos chegados no mesmo dia na hospedaria.

No livro de matrícula da Hospedaria de Imigrantes, em São Paulo, existem mais subsídios sobre a família de Tertuliano. Exemplo: sua origem era a cidade de Assú, no estado do Rio Grande do Norte. O fazendeiro que contratou seu serviço era o Dr. J. Eugenio Amaral, grande latifundiário do estado de São Paulo, e seu destino final, de acordo com a administração da hospedaria, seria a estação de Araquá (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 192). Próxima a essa estação estaria a fazenda de café Califórnia, no município de São Manoel do Paraíso. Ela possuía 320 alqueires, 300.000 pés de café e uma colheita anual de 30.000 arrobas na primeira década do século XX⁵. Possivelmente, Tertuliano e sua família foram trabalhar nessa propriedade do fazendeiro José Eugênio do Amaral Souza.

Mas sua aparição não se deu apenas nos livros de matrículas das hospedarias de imigrantes. Na sua chegada ao Rio de Janeiro, acabou dando uma entrevista para um jornalista da *Tribuna* ao lado de outros retirantes vindos do mesmo navio, narrando o contexto vivido na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. O jornal *Commercio de São Paulo* publicou trechos da matéria.

A Tribuna publicou hoje a entrevista que um dos seus redactores teve com alguns retirantes do Norte, vindos a bordo do vapor Maranhão. Aquelles infelizes narraram horrores da situação no Rio Grande do Norte, onde, além de flagello de sêcca, do supplicio da fome e da sede que os martyrisavam, eram esbordoados e maltratados pelos poderosos da terra. Referiram dolorosos casos de defloramentos e casamentos forçados, para os quaes só encontraram a indiferença dos poderes públicos. Os retirantes accusam o governador do Estado, por não ter este tomado nenhuma providencia em beneficio da classe desprotegida. O retirante Tertuliano Francisco dos Anjos referiu o seguinte factó: em certa ocasião três sertanejos que se achavam ao relento, na capital, vendo passar o governador, pediram-lhe uma esmola. Este deu a um dos pedintes uma moeda de 100 réis; a outro disse: - Vá furta, seu bode!, e a outro terceiro respondeu: - Vá tirar carangueijo no mangue. Os gêneros alimentícios subiram extraordinariamente o preço. A carne secca que custava 1\$400 o kilo, passou a vender-se a 2\$; o alqueire de farinha de 1\$600 subiu a 2\$, e uma cuia de feijão, custa 2\$500 (COMMERCIO DE SÃO PAULO, 1904, p. 02).

⁵ Sobre essa fazenda consultar, LLOYD, 1913.

A narrativa do retirante Tertuliano na cidade de Natal reforça a ideia sobre as dificuldades encontradas pelas famílias sertanejas ao chegarem aos centros urbanos, ou seja: maus tratos, indiferença e abandono pela governabilidade. Assim, migrar se torna, para os retirantes, uma ação de resistência para transformar sua condição de miséria nas secas do Norte. As figuras públicas da capital do Rio Grande do Norte não foram poupadas nas entrevistas concedidas ao jornal pelos sertanejos: elas foram descritas como verdadeiros algozes dos pobres na cidade. O retirante “João André disse horrores do major Raymundo Figueira, ricasso e influencia política, considerando-o como o carrasco dos pobres” (COMMERCIO DE SÃO PAULO, 1904, p. 02). A segurança da distância é um elemento importante nas acusações dos sertanejos às autoridades de Natal, pois se o anonimato é um aspecto das armas dos fracos, expor-se diante de um jornal das capitais do Rio de Janeiro/São Paulo é uma ação direta com propósito de atingir seus alvos, isto é, a imagem do governador e políticos citadinos.

O jornal *Correio Paulistano*, no dia 8 de março, divulgou a chegada de Tertuliano e demais retirantes no vapor *Maranhão*, vindos do Rio Grande do Norte, e sua internalização na Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

[...] Os retirantes que aqui chegaram são todos procedentes do Natal e arredores. Os do sertão virão em outras levas. No dia 26 do mez passado, embarcaram naquela capital 232 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, a bordo do navio “Maranhão”, com destino ao Rio de Janeiro, onde chegaram sexta-feira passada. Desses retirantes, 171 resolveram vir para S. Paulo, aqui chegando sábado à noite, pela Estrada de Ferro Central. Nessa mesma noite foram recolhidos à Hospedaria de Immigrantes e ali devidamente alojados. Chegaram fatigadíssimos os pobres retirantes, sendo-lhes servido abundante jantar logo depois de terem dado entrada na Hospedaria. O aspecto desses homens cauza uma impressão dolorosa, traçando se nos na imaginação um quadro tristíssimo em relação aos que lá ainda se acham, a braços com a secca e com a fome. Sujos, esfarrapados, com faces encovadas, uma simples vista de olhos sobre essa gente, basta para poder avaliar-se o quanto hão sofrido no ingrato torrão de que acabam de separar-se. Quase todos os imigrantes foram hontem contratados por diversos fazendeiros. Mostram-se animados e muito esperançados. Apenas uns 18 ou 20 estão ainda sem destino, e, entre estes, cinco homens que, por doentes, se acham recolhidos à

enfermaria da Imigração, desde o dia da chegada. [...] As famílias são em numero de 26, havendo 38 homens que não se fizeram acompanhar das famílias (CORREIO PAULISTANO, 1904, p. 01).

O deslocamento das 26 famílias sertanejas – um total de 171 retirantes – da Ilha das Flores através da Estrada de Ferro Central até a Hospedaria de Imigrantes, em São Paulo, mostra a situação fatigante dos sujeitos em condição de espera. Nesses territórios racionalizados pelos poderes públicos e particulares, os retirantes são colocados a experimentar novas atitudes com relação ao tempo, corpo e trabalho. As famílias sertanejas ainda eram contratadas com maior frequência pelos latifundiários do Centro-Sul, embora ocorressem casos de separação de seus membros – exemplo dos 38 homens que não se fizeram acompanhar das famílias – rearranjando a unidade familiar dos retirantes. A seguir, temos um quadro do número de casados, casados/só, solteiros e viúvos dos sertanejos do vapor *Maranhão*.

Quadro 01 – Registro civil de retirantes naturais do Rio Grande do Norte na Hospedaria de Imigração em 1904

CASADOS	24
CASADOS/SÓ	09 (01 MULHER)
SOLTEIROS	26 (01 MULHER)
VIÚVOS	03

Fonte: Quadro construído pelos registros da Matrícula de Imigrantes 1904. Livro 073. Página 189-193. Família 63.020-63.650. Acervo Digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/acervo-e-pesquisa/acervo>.

Os números do Quadro 01 ajudam na compreensão da organização dos escriturários da Hospedaria da Imigração, como também das formações sociais dos retirantes do Rio Grande do Norte que vieram no vapor *Maranhão* do porto de Natal. O número de solteiros foi expressivo comparado aos grupos de casados registrados. Entre os 26 solteiros na hospedaria, temos a retirante Generosa Maria da Conceição,

agricultora de 33 anos que possui uma filha de nome Francisca, sendo as duas da cidade do Ceará-Mirim. Seu contrato na hospedaria foi com o fazendeiro Joaquim M. Cunha Bueno e seu destino era a fazenda Buenópolis, que ficava próxima à estação do mesmo nome (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 192). A Hospedaria de Imigração contava com vários ramais próximos de linhas férreas, como os da Companhia de Estrada de Ferro Paulista e Mogiana, que atendiam ampla região de fazendas de exportação do café⁶. Não era de se estranhar essa logística, já que os milhares de emigrantes estrangeiros seriam empregados nas mesmas fazendas dos cafeicultores paulistas; decerto, as famílias sertanejas também seguiram a lógica do processo de internalização da hospedaria.

O caso da retirante Generosa Maria da Conceição, registrada como chefe de família e casada, não foi o único a mostrar a independência das mulheres em relação à figura do marido. A sertaneja Maria Francisca Espirito Santo, 22 anos, solteira, cozinheira e procedente da cidade de Assú, no Rio Grande do Norte (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 193), também demonstra o desenraizamento feminino da presença masculina na condução de suas vidas. Mesmo sendo casos isolados, é pertinente a existência dessas experiências femininas nas trajetórias da migração dos sertanejos do Norte para outros lugares.

⁶ À medida que o café penetrou no interior do estado de São Paulo, a estrada de ferro o acompanhou. Em 1868 era organizada a Companhia de Estrada de Ferro Paulista que ligava Jundiá a Campinas e, a partir de sua construção, fazendeiros com propriedades em Limeira e Rio Claro interessados no comércio e transporte do café ampliaram essa estrada até o Vale do Mogi-Guaçu. De Campinas saía outra estrada, a Mogiana, cuja fundação data de 1872, tendo como objetivo atender aos cafeicultores de Mogi-Mirim e Amparo. [...] Assim, essa ferrovia, com sua extensa linha, passou pouco a pouco a adquirir uma série de ramais ligando as fazendas às estações, atendendo, assim, aos interesses e conveniências dos fazendeiros. Os ramais, tanto da Paulista como da Mogiana, situavam-se próximos às fazendas pertencentes a pessoas influentes da região; alguns ramais até atravessavam propriedades e contavam com estações no seu interior. A fazenda Boa Vista, de Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, ligava distantes dois quilômetros da estação do ramal Jatahy, da Companhia Mogiana. Próxima à estação Guatapará, da Estrada de Ferro Paulista, ficava a fazenda Santa Olímpia, de Rodrigo Monteiro Diniz Junqueira; já a fazenda Dumont Coffee Co., empresa inglesa, possuía uma linha própria que fazia o serviço de quatro trens de passageiros por semana e um trem de carga por dia. A fazenda Buenópolis, de Joaquim da Cunha Bueno, ficava próxima à estação do mesmo nome. Duas das fazendas de Arthur Diederichsen distavam quatro quilômetros da estação Cravinhos, e outra situava-se perto da estação Sertãozinho. (GARCIA, 1999, p. 08-09).

Os chefes de família viúvos registrados na hospedaria geralmente traziam parentes consanguíneos no agenciamento familiar das emigrações, como o exemplo de Antonio Bandeira, 60 anos, agricultor e procedente de Pedra Branca, litoral do Rio Grande do Norte, que trouxe sua filha Joanna de 22 anos, casada com Simplício, de 25, e sua neta Joanna de 4 anos (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 190). Porém, nos hospedados no prédio da imigração havia quem seguisse viagem sozinho: eram Manoel Quirino, 40 anos, sapateiro, e João Baptista d'Andrade, 28 anos, agricultor (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 191-192). Embora relativamente novos, talvez não tivessem filhos e parentes acompanhando-os na viagem para o Sul, ou ainda há a possibilidade de terem os abandonado nos portos de Natal e Rio de Janeiro. As estratégias para sobreviver, (in)dependentes de familiares, era um fator que se reconfigurava conforme o contexto da travessia, ou antes dela, para os sertanejos nas secas do Norte.

Entre os grupos casados com mais de cinco membros, existia a presença de uma família retirante da Paraíba entre os sertanejos do Rio Grande do Norte. Seu chefe era Francisco Gomes da Silva, 46 anos, agricultor. Sua família era composta por sua mulher Francisca, 30; Antonio, 19, filho; Manoel, 12, filho; Maria, 10, filha; Conceição, 8, filha; Joaquim, 7, filho; Joanna, 5, filha; e José, 9 meses, filho, todos da cidade de Bananeiras (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 191). A família de João Francisco, 28, agricultor, procedente da Vila de Touro, litoral do Rio Grande do Norte, também era agenciada entre parentes e agregados. Sua mulher era Maria, 25 anos, e suas filhas eram Antonia, 10, Sebastiana, 8, Maria, 7, Maria, 6, e um filho de 2 anos, chamado Francisco. Com eles, vieram no vapor a cunhada Maria, 25, e o cunhado Manoel, 20, além da sogra Joanna, de 50 anos e viúva (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 190). A escolha de emigrar com todos familiares era uma estratégia dos retirantes – principalmente em longas distâncias – pela qual buscavam novas vidas em novos lugares. Apesar da migração, a família era “preservada”.

Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro não foram os únicos a receberem emigrantes da seca no ano de 1904. Minas Gerais, ou melhor, Juiz de Fora, também

possuía uma hospedaria de imigração chamada Horta Barbosa, criada em 1889, onde recebia imigrantes europeus até início do século XX⁷. Por estar localizada entre áreas de fronteira com os dois estados, além de linhas e ramais de estradas de ferro ligando as duas cidades, os retirantes desembarcados na hospedaria da Ilha das Flores, ainda no mês de março, foram transferidos para o prédio da imigração em Juiz de Fora. Os sertanejos deram entrada na hospedaria do Rio de Janeiro nos dias 12 e 29 de março, nos vapores *Planeta* e *Brazil*, respectivamente, e saíram com destino à Horta Barbosa nos dias 13 e 30 do mês corrente.

Manoel [sic.] dos Santos, 40, casado, Mariana, 35, casada, Maria, 12, João, 10, [sic.], 3/ José de Oliveira, 28, casado/ Raimunda, 30, casada, Josepha, 4, [sic.], 3/ Manoel Pedro, 38, casado, [sic.], 34, casada, Ignacio, 4, Ignacio, 3, Antonio Thomaz de Souza, 3 mezes/ [sic.], 45, casado, José, 31, casado, Francisca, 18, João, 15, Luiz, 12, Bernadino de Oliveira, 10/ Maria, 35, casada, Thereza, 30, Antonia, 12, Maria, 10, Manoel, 7, José Vicente Ferreira 3, Maria, 2, João, 18, Joaquim Ronaldo, 16/ Izabel, 42, casada, Joaquim Campos, 24, Manoel Alves, 4, José Campos, 12, Ezequiel Silva, 18, Jesuino de Oliveira, 19/ José B. 38, casado, Antonia [sic.], 25, casada, Maria Vectoria, 15, Francisco Costa, 15, Antonio Pedro da Silva, 19/ Manoel Barbosa, [sic.], casado, Manoel Souza, [sic.], casado, Manoel nascimento, 18/ Antonia do Nascimento, 40, casada, João B. Ferreira, 25, Maria, [sic.]/ Joana Maria Conceição, 38, casada, Maria, 18, Josepha, 6, Antonio, 3, Joaquim, 8, Roza, 12 (HOSPEDARIA ILHA DAS FLORES, 1904, SP).

[sic.] Costa, 20, Manoel Nascimento, 20, casado, José [sic.], 4/ Manoel dos Santos, 31, casado, Manoel Araujo, 18, [sic.] Silva, 20, Antonio [sic.], 20/ Francisco Mariano, 18, [sic.] Carneiro, 20, Joaquim vasconcelos, 28, casado/ Antonio Cruz, 22, Francisco Ant. Nascimento, 32, casado, Candida, 29, casada, Manoel, 8, Angelina, 3, Juvenal, 6/ José Xavier, 26, casado, Maria, 27, casada, Firmina, 1, Antonio, 5/ Pedro Cunha, 19, Francisco Cunha, 15, Christianno Dantas, 51, viúvo, [sic.], 21, Manoel, 15, Maria, 19, Maria, 4, Manoel, 2, João Fernandes Lima, 36, casado/ Anna, 25, José, 6, [sic.], 5, Maria, 3, Sebastião, 21, Izabel, 18, Pedro Leão, 19, Anna 14, Joaquim, 10, [sic.], 9, Francisco, 8, [sic.], 6, Valdemiro, 5, Rosa, 4, [sic.], 3, Antonio, 2,

⁷ A Hospedaria Horta Barbosa foi inaugurada no ano de 1889 no local “Tapera”, na região de Juiz de Fora. Ficava próxima à estação ferroviária de Mariano Procópio, que se ligava à cidade do Rio de Janeiro. A expansão cafeeira do Vale do Rio Paraíba também expande áreas limítrofes com a zona da mata de Minas Gerais. Assim, começa uma política de imigração e colonização italiana e europeia, no final do XIX a início do XX, na procura de desenvolvimento material e branqueamento da população na região, principalmente. (RIBEIRO, 1996).

[sic.], 1 mez/ Ignez, 51, Raymunda Luiza, 35, Joana, [sic.], Francisca, 16, Manoel, 15, [sic], 6 (HOSPEDARIA ILHA DAS FLORES, 1904, SP).

O jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, noticiou no dia 29 de março que devem chegar “hoje à noite a esta capital, a bordo do paquete Brasil, mais 113 emigrantes do Rio Grande do Norte, com destino ao Estado de Minas Geraes. Continua, portanto, o êxodo dos nossos desventurados irmãos do Norte, acoitados pela fome” (1904, p. 01). A escolha dos estados onde estariam as hospedarias e contratos de trabalho era feita com antecedência pelas autoridades políticas e fazendeiros do Centro-Sul, desse modo, não eram consultadas as famílias sertanejas, deixando-as à mercê dos arranjos políticos dos órgãos da imigração antes mesmo de desembarcarem no Rio de Janeiro. A rapidez com a qual eram registrados na Ilha das Flores e, logo em seguida, transportados pelas ferrovias interestaduais até as hospedarias da Imigração de São Paulo e Juiz de Fora (no estado de Minas Gerais), revela os interesses da internalização dos retirantes, isto é, uma mão de obra barata que assumiria o quanto antes os serviços da lavoura cafeeira nessa região do país.

O correspondente do jornal *Correio da Manhã* na cidade de Juiz de Fora visitou a instalação dos sertanejos na hospedaria e de lá registrou as condições físicas que os retirantes estavam enfrentando na sua jornada à procura de um lugar.

Em companhia do dr. Nava, diretor de hygiene nesta cidade, fui hontem visitar os retirantes do Norte, alojados no vasto e bem situado edificio da Immigração. A maior parte da leva de infelizes que ali se achavam, já tinha nessa mesma manhã, embarcado na próxima estação de Mariano Procopio para diversos pontos, contractados por fazendeiros que lhes prometeram trabalho. Tendo cessado de há muito a immigração italiana, o edificio de Mariano Procópio desde então se conservava inútil, mantendo ali apenas o governo estadual o respectivo administrador e o antigo cozinheiro, que com sua família cuida da limpeza e conservação do edificio. No momento que chegamos, o administrador tinha ido acompanhar os retirantes à estação, e foi guiados pelo cozinheiro que começamos a nossa visita. O prédio, mantido, alias, em boas condições pelo actual administrador, precisa de pintura e de alguns reparos poucos dispendiosos. Vimos a cosinha com uma bateria de immensos caldeirões, que só em parte imccionavam agora para cozinhar o alimento dos retirantes do Norte:

vimos a dispensa, onde nos foram mostrados os gêneros de seu consumo – carne secca, feijão preto e muatinho, arroz, batatas e farinha de mandioca, que os retirantes preferem a tudo para comer com a carne; vimos o colossal refeitório, a cujas extensas e numerosas mesas se podem sentar no mesmo tempo 1.200 pessoas. Sobre essas mesas notavam-se os vestígios da refeição matinal servida aos indigentes que chegaram por ultimo (CORREO DA MANHÃ, 1904, p.01).

A descrição da narrativa do jornalista mostra uma hospedaria de imigração já desativada em Juiz de Fora, mas que ainda era mantida para casos eventuais por um administrador e funcionários. O prédio ainda se mostrava adequado a hospedar um número significativo de pessoas; entretanto, merecia reformas internas na sua estrutura. Sua localização próxima à estação ferroviária revela a trilha a pé feita pelo diretor e sertanejos, com destino às propriedades dos fazendeiros da região. Os vestígios de alimentação no refeitório e dispensa deixaram a impressão do cotidiano alimentar dos retirantes que chegavam e saíam da hospedaria. Os jornalistas continuam a descrever suas impressões acerca do local.

[...] Enquanto o meu companheiro examinava as creanças doentes, eu prestava ouvindo a este expressivo diálogo: - Voce se preparem pra ir tudo pro buraco! Disse um caboclo, mostrando num sorriso os dentes despoutados a faca. – Deixe lá home, que a gente não é de fica no mundo pra semente! Respondeu uma rapariga ruiva, a rir, acaletando nos braços o filhinho. [...] Dirigi a palavra a um cabra escuro, de idade indecifrável, olhos vivos e nariz chato. – Quantas pessoas tem a família? – Quinze, seu douto. E com um gesto mostrou-me toda a sua prole, cuja parecença com elle atestava bem a sua origem. Não havia um só retirante preto; o mais escuro era o pae dessa grande família que me fez lembrar a do Accioly, no Ceará. Todos mestiços de diversas nuanças, caboclos puros e brancos, de olhos claros e cabelos louros, vimos creanças que pareciam alemãs. [...] Chegando ao pateo do estabelecimento encontramos-nos com o administrador o Sr. Francisco Emílio de Souza, que voltava da estação acompanhado do dr. Carlos Prestes, diretor do serviço de imigração e colonização, e do jornalista Bernado Arocira. Em companhia destes visitamos as mais dependências do estabelecimento – os alojamentos não ocupados, os excelentes aposentos em que funcionavam as enfermarias, a secretaria,

a pharmacia vasia, com o vasilhame guardado nos armários, a rouparia com os colchões e cobertos empilhados, a estufa para desinfecção, tudo bem conservado e pronto a servir quando o estrangeiro abrir seus portos a emigração para nosso país ou quando novos flagelados impelirem para aqui em massa o resto das populações do Norte (CORREO DA MANHÃ, 1904, p. 01-02).

A internalização dos retirantes no prédio da imigração em Juiz de Fora foi feita mediante a precarização da administração local. Se os cuidados físicos e sanitários eram uma das características das hospedarias da imigração, em Mariano Procópio deixava-se tudo a desejar. Os setenta sertanejos em péssimas condições de saúde, sem cuidados médicos e farmacêuticos, trazem, na narrativa do jornal, as experiências traumáticas de emigrarem para a região Centro-Sul numa política de migração que se dizia organizada e sistematizada pelo Governo. Os alojamentos, fazendas e colchões não utilizados, guardados nas outras dependências do prédio, revelam o tratamento diferenciado para os retirantes – todos “mestiços e caboclos” – em Minas Gerais. Se outrora serviu à internalização de imigrantes europeus no final dos oitocentos, agora, precariamente, alojava famílias sertanejas que migraram da região Norte na seca de 1904.

A cada mês do primeiro semestre chegavam pela *Companhia Marítima Nacional* mais sertanejos do porto de Natal. No dia 19 de abril desembarcaram no porto da cidade do Rio de Janeiro os retirantes que vinham do Rio Grande do Norte pelo navio *Maranhão*, para serem alojados na hospedaria Ilha das Flores e, depois, seguiriam para o prédio de imigração no estado de São Paulo. O correspondente do *Jornal do Brasil* estava presente no momento de chegada dos sertanejos, podendo conversar rapidamente com alguns dos passageiros e narrar em primeira mão o desembarque das famílias do Norte.

[...] Logo que o Maranhão fundeou no ancoradouro de S. Bento, próximo a ponte do escriptorio da Campanhia Novo Llyod Brasileiro, esteve a bordo um dos nossos companheiros, que conversou com alguns retirantes. [...] Partiram do Natal no dia 12 do corrente. Um dos retirantes disse ao representante do Jornal do Brasil que a bordo foram bem tratados, sendo a viagem penosa devido a aglomeração de passageiros de prós. Disse mais que não há absolutamente meios de subsistência para a pobreza no Rio Grande do Norte, onde os homens

se oferecem para trabalhar de sol a sol por 400 réis e mesmo assim não encontram trabalho. Pouco depois do meio dia começou a ser feito o transbordados infelizes retirantes, que passaram do Maranhão para um batelão da Inspectoria Geral de Emigração. A carga, composta de caixas com alguns trapos, era depositada em uma catraia da mesma inspetoria. Os retirantes desciam pela escada do portaló de bombordo, onde um empregado de bordo procedia a contagem dos que iam sahindo, serviço este feito sob fiscalização dos funcionários da emigração, srs. Arthur Ferreira e napoleão Smith. Cerca de 2 horas da tarde as duas embarcações, rebocadas por uma lancha de Companhia da Navegação Costeira, foram para a Ilha das Flores, na qual os retirantes ficarão dous ou três dias, para repousarem. Depois seguiram para S. Paulo e para outros Estados, á procura de trabalho. Por ordem do sr. ministro do Interior, na Ilha das Flores, foi dada roupa de agasalho as crianças e aos adultos, mais necessitados. Entre um passageiro do Maranhão e um visitante do navio, houve a bordo uma conversa que foi ouvida pelo nosso companheiro. A ser verdade o assunto dessa conversa, merece ella a atenção do governo. Diz o passageiro que com os retirantes embarcaram no Natal diversos cavalheiros que, com alguma proteção, conseguiram entrar na lista destes, dizendo que vinham para o Rio de Janeiro procurar trabalho. Muitos destes, porém, ficaram nos portos intermediários e outros, ao chegar o Maranhão a este porto, deixaram rapidamente o navio, para não se entenderem com os funcionários da Imigração (JORNAL DO BRASIL, 1904, p. 02).

O desembarque dos retirantes na cidade do Rio de Janeiro era preenchido, em sua experiência, por tempos de espera. Viajavam em vapores lotados por muitos dias, suportavam duas horas de fiscalização ao chegarem ao porto e, depois, eram transportados através de lanchas para a hospedaria da Ilha das Flores, onde novamente faziam suas matrículas. A descrição acerca das dificuldades de encontrar trabalho e sobrevivência para as classes pobres fazia parte do discurso dos sertanejos ao jornalista da capital. Assim, migrar traduzia-se na chance de mudar sua situação, tocando a vida em outras paragens. Entretanto, essa trajetória constituía-se como árdua, incerta e ríspida para as famílias sertanejas, afinal, a alteridade existente nas relações sociais nos territórios da espera (sujeitos, instituições, padrões normativos, etc.) configura-se em acordos, conflitos e novas sociabilidades em conformidade ao contexto e suas experiências.

Também é relevante na matéria a denúncia da emigração de “não retirantes”, isto é, indivíduos protegidos na cidade de Natal que conseguiram embarcar para o Rio de Janeiro à procura de trabalho. No registro de matrícula da Hospedaria da Imigração, em São Paulo, entre dezenas de sertanejos agricultores, encontramos indivíduos com profissões diferentes no alojamento.

Antônio Francisco, Só, 17, Solteiro, Oleiro. Manoel Francisco da Rocha, Só, 20, Solteiro, Oleiro. Adelino José da Costa, Chefe, 40, Casado, Estrada de Ferro, Joana, 30, Mulher, Genoio, 14, Filho. Miguel Nazario, Chefe, 65, Casado, Estrada de Ferro, Alexandrina, 39, Mulher, João, 18, Filho, Maria, 8, Filha, Maria, 1, Filha (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 217-218).

A profissão desses passageiros não demonstra diretamente se foram eles que entraram às custas das verbas dos socorros públicos aos retirantes. Ter ofícios ligados a fábricas de cerâmica e estradas de ferro mostra, também, a peleja dos trabalhadores de outros ramos no contexto de crise econômica, ampliada pela seca de 1904 no espaço urbano de Natal. Porém, os agricultores de outras regiões encontram mais dificuldades em construir uma relação amigável com os responsáveis pelos fretes de vapores e membros da comissão de socorros, uma desvantagem que os cidadãos não teriam a priori. Apesar das fontes não deixarem indícios das formas de distribuição das passagens no porto de Natal, podemos inferir que as disputas para conseguir as mesmas envolviam um emaranhado jogo de poder entre cidadãos e sertanejos. Mais um aspecto interessante dos retirantes registrados na hospedaria no dia 22 de abril foi a presença de agregados nas unidades familiares.

Luiz Soares de Lima, chefe, 32, casado, agricultor, Jovina, 33, mulher, Francisco, 4, filho, Julia, 3, filha, Josepha, 3 mezes, filha, Manoel, 20, Agregado, Valdevino, 28, Agregado. José Paulino, 28, chefe, casado, agricultor, Francisca, 25, mulher, Manoel, 5, filho, João, 9 mezes, filho, Elvira, 4, filha, Avelino, 16, agregado, Antonio, 18, agregado. Francolino Fernandes, chefe, 20, casado, agricultor, Antonia, 21, mulher, Maria, 1, filha, Antonio, 15, agregado, Antonio, 20, agregado (MATRÍCULA DE IMIGRANTES, 1904, p. 215, 216 e 218).

Para Kátia M. de Queirós Mattoso, a família “nuclear” – pai, mãe e filhos – apareceria tardiamente na sociedade brasileira. Durante os séculos XVI-XIX, a família do tipo patriarcal reunia na figura do *pater familias* os tios, tias, sobrinhos, irmãos, solteiros, primos distantes, bastardos, afilhados e ainda os agregados. Estes últimos eram sujeitos livres e alforriados, homens brancos, mestiços e pobres que viviam da tutela familiar e eram considerados membros em seu meio. Muitos serviam para a proteção e segurança das propriedades e fazendeiros (MATTOSO, 2017). A interpretação da autora está relacionada aos arranjos familiares da família patriarcal, correspondendo aos grandes fazendeiros ou pessoas de cabedais que mantinham relações de dependências recíprocas e desiguais com os sujeitos subalternos. Por outro lado, alguns sertanejos também pareciam possuir formas de agenciamento de agregados na sua unidade familiar. Diferente da categoria de *pater familias*, as relações entre sujeitos subalternos no mundo rural consubstanciavam outras expressões de dependências recíprocas, onde a ideia de laço afetivo e de compadrio⁸, talvez, estaria mais próxima de suas realidades socioculturais.

A imigração subsidiada manteve-se quase completamente paralisada no estado de São Paulo no ano de 1903. Foi expedido um decreto fixando em 5.000 o número de imigrantes a se introduzir na lavoura cafeeira no ano de 1904. Até 31 de dezembro, foram marcados os respectivos preços das passagens dos navios. Estes 5.000, e mais os 1.840 retirantes do Norte, transportados à custa da União até São Paulo durante o período de seca nos estados do Ceará e Rio Grande do Norte no ano anterior, perfizeram o número de 7.005 imigrantes subsidiados chegados em 1904 (CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES, 1905, p. 116). Os 1.840 brasileiros eram retirantes do estado do Rio Grande do Norte, sendo 296 o número de famílias e 207 o de indivíduos

⁸ Os historiadores Stephen Gudeman e Stuart Schwartz discorrem que a categoria de compadrio na sociedade escravocrata do Brasil do século XVIII pode ser interpretada pelo viés funcional e religioso: o compadrio como uma forma protecionista e dever moral, em um contexto específico, e o uso religioso através do batismo, como um sistema de relações regulamentadas que reinterpreta essa forma de acordo em condições históricas e estruturais. Assim, essa vertente de interpretação do compadrio carrega um significado social e cultural para os que dela participam e se expressam (GUDEMAN, SCHWARTZ, 1988).

solteiros. Desses imigrantes, seguiram para a lavoura do estado 1.756; ficaram na capital paulista 43, regressaram para outros estados 9, e faleceram 32 (CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES, 1905, p. 35).

Acreditamos que esses dados do governo não condizem com a totalidade de famílias emigradas para outras regiões do país, principalmente partindo-se da memória local e imprensa do período. O político Eloy de Souza⁹, em suas conferências na cidade de Lages-RN, na década de 1920, discorreu sobre o desfalque das populações dos sertões do Norte nas grandes secas na passagem do oitocentos. Durante a seca de 1877, morreram cerca de 600 mil pessoas entre as províncias do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. E as grandes migrações também eram uma realidade. Em 1904, somente pelo porto de Natal, embarcaram para o extremo Norte e Sul mais de 22 mil pessoas. A capital chegou a ter uma aglomeração de 5 mil sertanejos, além das cidades de Macau e Mossoró. Dos que foram para o extremo Norte, a maior parte morreu; “e muitos dos que voltaram aqui chegaram quase tão miseráveis como daqui tinham partido”. Dos que emigraram para a região Sul, “creio que nenhum ficou lá, tendo acontecido que um deles veio de S. Paulo a pé por falta de recursos” e, aqui chegando, interpelado porque voltara para o sertão seco, “respondeu fleugmesticamente que não era terra de gente uma terra onde não se comia farinha, não se dormia em rêde e não se falava brasileiro” (SOUZA, 1980, p. 10).

Considerações Finais

Esse artigo trouxe algumas das experiências de retirantes do Rio Grande do Norte nas hospedarias de imigração nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, na seca de 1904. Suas trajetórias mostraram como o seu processo de internalização no mundo

⁹ Eloy Castriciano de Souza nasceu no dia 4 de março de 1873, na cidade do Recife/PE. Formou-se na Faculdade de Direito de Recife e, logo depois, foi para a cidade de Macaíba, no Rio Grande do Norte, onde já residira com sua mãe na infância. Sua carreira política começou quando apoiou o governo oligárquico de Pedro Velho, destacando-se no espaço político potiguar. Foi Deputado Estadual e Federal em vários mandatos, além de participar ativamente nas discussões políticas sobre as secas, programa de açudagem e ferrovias nos estados do nordeste. Para saber mais, FILGUEIRA, 2009.

da agricultura exportadora, presente nessas regiões, foi construída a partir dos mesmos mecanismos de controle e ordenamento que recebiam os estrangeiros no Brasil, ou seja, os portos, os navios, as estradas de ferro e as hospedarias. Nesses *territórios da espera*, alguns retirantes encontraram no agenciamento familiar e nos seus desarranjos sua principal forma de organização nesses novos espaços, até serem contratados pelos grandes cafeicultores do sudeste.

Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe, RENAUX, Maria Luiza. Caras e Modos dos Migrantes e Imigrantes. In: **História da Vida Privada no Brasil**. Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 18 e 23.

BRITO, João Fernando Barreto de. **Colônia Agrícola Sinimbu**: entre a regularidade do espaço projetado e os violentos confrontos do espaço vivido (Rio Grande do Norte, 1850-1880). Natal, RN, Dissertação (mestrado), UFRN, PPGH, 2015. 189f.

CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus; VIDAL, Laurent. **Do depósito à hospedaria de imigrantes**: gênese de um “território da espera” no caminho da emigração para o Brasil. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, p. 02. Disponível em: <<http://www.scielo.br/hcsm>>.

FILGUEIRA, Maria Conceição Maciel. **ELOY DE SOUZA**: uma interpretação sobre o nordeste e os dilemas das secas. 2009. 405 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

GARCIA, Maria Angélica Momenso. **A cafeicultura e a expansão do capitalismo**. Revista Econ. Pesqui. Araçatuba, v. 1, nº 1, 1999, p. 08-09.

GREENFIELD, Gerald M. **O comportamento dos migrantes e as atitudes das elites durante a grande seca do Nordeste: 1877-1879**. Caderno de Estudos Sociais. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Instituto de Pesquisas Sociais (Caderno de Estudos Sociais; vol. 5, nº2), 1989.

GONÇALVES, Paulo Cesar. **Migração e mão-de-obra**: retirantes cearenses na economia cafeeira do Centro-Sul (1877-1901). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 123-124.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Seca e migração no Nordeste**: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. Trabalhos para discussão n. 111/2001. Agosto 2001.

GUDEMAN Stephen. SCHWARTZ, Stuart. "Purgando o Pecado Original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII". In: REIS, João José. **Escravidão e**

- Invenção da Liberdade.** Estudos Sobre o Negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LLOYD, Reginald. **Impressões do Brasil no século XX.** Sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Lloyds Greater Britian. Publishing Company LTD, 1913.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil: século XVI-XIX.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.
- MACIEL, Francisco Ramon de Matos. **“A produção de Flagelo”:** a re-produção do espaço social da seca na cidade de Mossoró (1877-1903-1915). 2013. 222 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, 2013.
- MEDEIROS FILHO, João, SOUZA, Itamar de. **Os degredados filhos da seca.** Uma análise sócio-política das secas do Nordeste. 2º Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MORAIS, Viviane L. **Razões e Destinos da Migração:** trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do Século XIX. São Paulo: PUC/PPGHS/ Dissertação de Mestrado em História Social, 2003.
- RIBEIRO, Mônica de. “Imigração e industrialização”: os italianos em Juiz de Fora – MG (1888 – 1920)”. In: BONI, Luis A. **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- SECRETO, Maria Verónica. **Ceará, a fábrica de trabalhadores:** Emigração subsidiada no final do século XIX. Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 2, nº 4, 2003, p. 49.
- SOUZA, Eloy de. Conferência em Lages-RN. In: **Memória da Seca.** Coleção Mossoroense. Vol. CXXXIV, 1980, p. 10.
- VIDAL, Laurent. **Sociétés, mobilités déplacements:** les territoires de l’attente. Revue Urbanisme, Paris, n.384, p.87-90. mai.-jun. 2012.

O autor

Francisco Ramon

Universidade Estadual do Ceará

Recebido em 11/2022 • Aprovado em 12/2022 • Publicado em 02/2023